

## A FALA DA CRIANÇA PSICÓTICA E SEU FUNCIONAMENTO LINGUÍSTICO-DISCURSIVO

Cirlana Rodrigues de Souza (CAPSi – PMU/UFU-PG)

### Um menino regulador de língua<sup>1</sup>

*Durante brincadeira livre, quando pega um brinquedo, um tucano de pelúcia que fica mordendo e batendo na parede:*

*Anderson<sup>2</sup>: (nomeação feita por mim depois de confundir o nome da criança) Ele machuca?*

*P.: Se continuar batendo na parede machuca.*

*Anderson: Se machucá ele chora?*

*P.: O brinquedo chora se machucar.*

*Anderson: ele vai morrer?*

*P.: Você vai bater nele até ele morrer?*

*Anderson: Se eu batê nele ele morre?*

*P.: Como ele é um brinquedo ele vai continuar vivo.*

*Anderson: mas ele vai machucá?*

*P.: Ele vai.*

*Anderson: Vai doê? Vai saí sangue nele?*

*Ele se retira do espaço.*

A fala da criança psicótica nos demanda questões que devem ser consideradas quando o objetivo é reconhecer seu funcionamento linguístico-discursivo e vislumbrar saídas estruturais à sua posição de alienação a partir desse funcionamento, como intervenção na clínica da infância.

Abordar a questão da psicose, dentro dos Estudos da Linguagem, é considerar a especificidade de um ponto de vista<sup>3</sup> que: tome a fala como uma manifestação de língua particular experienciada por um falante e, portanto, constituída por um sistema com um funcionamento e uma ordem própria<sup>4</sup>; considere essa manifestação como fenômeno de linguagem – no campo da psicose – na medida em que causa sofrimento à criança e impede o laço social<sup>5</sup>; sustente que esse fenômeno de fala nos coloca diante da posição da criança, no mundo; seja direcionado por um saber que parta da língua como sistema determinante da subjetividade, especificamente fundamentado pela linguística e pela psicanálise freudo-laciana; se ocupe da estruturação psíquica como um tempo lógico e que a estrutura, na infância, está em constituição<sup>6</sup>. Ou que a infância é uma estruturação da subjetividade determinada pela relação da criança com o mundo via sistema da língua.

Conforme Lacan (1954-1955/2002) a estruturação da psicose não é a mesma na criança e no adulto, pois na criança o que se tem é uma constituição de sujeito em um tempo lógico e, no adulto, um sujeito constituído. As implicações dessa “sentença” laciana incidem diretamente na clínica e em tudo que concerne à infância. Primeiramente, existe a necessidade de uma constante teorização, a partir da angústia diante de uma criança em sofrimento, onde fundamentos da psicanálise devem ser tomados partindo da singularidade dessa criança. Assim, também os fundamentos da linguagem a partir de sua fala. Em segundo, ao se buscar saídas estruturais há que se posicionar em relação à constituição psíquica na infância. Essas saídas se viabilizam a partir de uma condição singular: a possibilidade de se passar a outra posição nessa “estrutura não decidida”<sup>7</sup>.

<sup>1</sup> Apresentação inicial de um fragmento de fala a ser posteriormente analisado.

<sup>2</sup> Nomeação da criança feita por mim, não sendo seu nome verdadeiro.

<sup>3</sup> C.f. Saussure (1995).

<sup>4</sup> Ibidem.

<sup>5</sup> Lier-deVitto (2006).

<sup>6</sup> Lacan (2002).

<sup>7</sup> C.f. Jerusalinky (1993,2004); Fischer (2004); Vorcaro (2009-in mimeo).

A expressão “psicoses não decididas” foi, inicialmente, cunhada por Alfredo Jerusalinsky (1993, 2004) fazendo frente a uma nomenclatura diagnóstica que poderia “fechar” as possibilidades de se construir saídas estruturais para a criança psicótica. É uma expressão que se sustenta em uma perspectiva do reconhecimento de um sujeito em constituição e que poderá vir a fazer uma psicose como sua resposta ao mundo, a partir das especificidades de sua constituição psíquica. A infância se caracteriza por ser um “estado provisório”, cuja estruturação psíquica é decidida, segundo esse autor, posteriormente: uma estruturação psíquica, na infância, está em construção e ocorre no tempo da infância. A criança está sempre por decidir qual sua posição e ordenação no mundo.

O tempo, na infância, diz respeito à estruturação edipiana apresentada por Lacan no *Seminário, Livro 5, As Formações do Inconsciente* (1957-1958): o primeiro tempo como o da criança como objeto do desejo da mãe, tempo da alienação; segundo tempo é o tempo da lei, onde se faz inscrever a função paterna e a separação, pois a criança não mais é unicamente um objeto de desejo; e o terceiro tempo, o da identificação com a instância paterna, promovendo a saída do sujeito dessa triangulação edipiana. Tempo onde, em uma estruturação, pode não ocorrer a *metáfora paterna*, a inscrição de uma ordenação que Lacan denomina de inscrição do *nome-do-pai*. Significante que fará um corte na alienação parental e que será fundante do sujeito. Não ocorrendo isso se potencializa uma estruturação psicótica.

A partir de Vorcaro (2009) é possível – na clínica – retomar a estruturação subjetiva que foi “interrompida” e a “circulação simbólica”, ou seja, o efetivo processo de constituição impedido por mecanismos patológicos. Essa “circulação simbólica” permite à criança passar a outra posição: como sujeito, advir em outra posição que não aquela em que está enodada, alienada no discurso do outro. É nesse desencadeamento da alienação para a separação que o sujeito se constitui. Na psicose não se dá essa passagem e, findadas as possibilidades de estruturação a partir da não inscrição de uma interdição significativa, no tempo edipiano, se constitui um sujeito psicótico, como temos na psicose do adulto. Isso se inscreve (ou não) no corpo que, na infância, está, ainda, em formação precisando da palavra que o integre e o ordene.

Abordamos, especificamente, o que se denomina de *psicose infantil não autística*, na segunda infância, com quadros clínicos (psicoses e esquizofrenias) cuja sintomatologia clínica elementar<sup>8</sup>, de atitudes e comportamentos, traz características excessivamente extravagantes e desconcertantes que apontam para um rompimento com a realidade, com prejuízos e comprometimentos nas diferentes áreas da vida da criança. São comumente reconhecidos, em crianças nessas condições, episódios de isolamento e retraimento social e psicoafetivo, agitação e reações agressivas, crises severas de angústia, gestos e atitudes inadequadas em diferentes situações, exploração do ambiente por meio do olfato, da ingestão indiscriminada de objetos, transtornos de linguagem com aquisição da mesma tardiamente de forma alterada e incompleta, assim como incapacidade de manter comunicação com as outras pessoas, pensamento confuso e desconexo, sem orientação espaço-temporal, tônus muscular alterado com instabilidade e agitação psicomotora (geralmente desconexo do ambiente), perdas cognitivas apesar da capacidade de memorização acima do comum, manutenção de rituais em situações como dormir, se alimentar, com pouca ou nenhuma tolerância a mudanças, transtornos de sono, como insônia, terrores noturnos, não relato de sonhos, atraso no controle esfinteriano, transtorno de alimentação, como anorexia, compulsão alimentar, ocorrência de idéias delirantes (geralmente de tipo persecutório) e alucinações de diferentes tipos, mas com prevalência para as alucinações auditivas, comuns aos quadros de esquizofrenias, entre outros e os denominados *fenômenos de linguagem* (um dos fenômenos elementares da psicose, segundo Lacan) e suas particularidades no campo da infância.

Essas crianças psicóticas são seres falantes – muitas vezes, sua fala é a única possibilidade delas serem no mundo<sup>9</sup> - outras possibilidades são o silêncio e o ataque ao corpo -, pois sua própria condição de assujeitamento na fala/desejo do outro demonstra já sua entrada no campo da linguagem. A questão é que esse campo é o subversivo, é de uma ordem outra – singular, que impossibilita o laço social, daí estarem ‘fora do discurso’, em uma definição psicanalítica para psicose. Como seres falantes, essas crianças estão submetidas a um todo da língua e, ao mesmo tempo, também fazem esse sistema funcionar. Para a clínica em saúde mental, qualquer ‘resposta’ a um tratamento está na mudança de posição dos indivíduos frente a seu corpo, frente às relações sociais, frente às possibilidades de estar inserido em outros espaços que não somente sua casa e a instituição de tratamento, o que é possível a partir de uma mudança subjetiva da criança: ou seja, uma mudança de posição na estruturação psíquica, possibilitando a ela responder de outra forma ao mundo, que não pela psicose. *Mudança* que, para nós, pode ser vislumbrada a partir de seu funcionamento linguístico-discursivo.

<sup>8</sup> Cf. D. Marcelli (1998).

<sup>9</sup> Cf. Jerusalinsky (2004).

Quando nos referimos a funcionamento linguístico-discursivo da fala da criança psicótica é ao encontro da língua como uma ordem própria e universal<sup>10</sup> com a fala como uma manifestação de língua e singularidade desse sistema que nos remete à questão do sujeito, no caso da infância, à sua constituição. O termo discurso se refere à especificidade da situação de interação clínica (transferência) e ao efeito que essa fala tem sobre quem a escuta. Efeito que é, a princípio, de angústia e que instaura indagações e problematizações. A fala é aquela que é a ‘sobra’ (referida por De Lemos, 2003) do encontro, no campo da linguagem, com essas crianças.

Nosso interesse é por falas como manifestações de língua: como ‘resultado’ do sistema constituído pela relação entre elementos em alteridade e com uma ordem própria – pelo universal e pelo singular da língua – singular como sempre uma ocorrência outra. Ao propormos o reconhecimento do funcionamento linguístico-discursivo de uma fala com essas especificidades, na infância, propomos acompanhar essa estruturação, o que implica acompanhar a subjetivação de um indivíduo, onde alguns impasses teóricos nos capturam, a saber: como se apresenta o universal na manifestação de língua desses pequenos falantes? No funcionamento dessa língua, como os elementos lingüísticos vão se associando, combinando e se relacionando, construindo seu sistema, sua estrutura de fala, constituindo esse sujeito no eixo sintagmático, que é o lugar de encontro entre língua e falante? Sujeito como resposta do indivíduo dada no eixo sintagmático da língua, que não se nomeia e que é suposto nos pontos em que uma organização de fala se apresenta subvertida, seja em “erros”, lapsos, atos falhos, patologias de linguagem ou fenômenos de linguagem. É possível engendrar, significar, promover deslocamentos e associações outras, nessa estrutura frente às especificidades da criança psicótica, em uma situação clínica? Como possibilitar isso frente à ordem própria da língua que é independente da vontade tanto da criança falante como do clínico?

Os fragmentos de fala pertencem a um menino de 10 anos, com psicodiagnóstico de esquizofrenia infantil, fora de discurso, trazido até nós pela mãe (também falado por ela) em surto psicótico, em 2008: delírios persecutórios<sup>11</sup>, incapacidade de sustentar vínculos, extrema confusão mental. No primeiro contato escutamos uma fala repetitiva e sempre em forma de perguntas girando em torno de temas como a morte, sangue, machucar, caracterizando um fenômeno de linguagem denominado de perseveração, cuja temática era perigos eminentes, pavor, terror, perpetuando um desencadeamento de construções delirantes: *Esse chão vai abrir? Se abri pra onde a gente vai? Aqui tem céu? O buraco vai ser grande?* Esta perseveração impede o laço social, daí ser um fenômeno de linguagem, no campo da psicose, ser uma fala que barra o laço, o vínculo e causa angústia/sofrimento no Outro e na criança; fala que nos remete, dada sua insistência, à singularidade e a uma regularidade lingüística, a um funcionamento de fala característico deste menino. Ele nos chegou em construção delirante, onde delírios se misturavam a alucinações: quando, por exemplo, dizia “*Esse chão vai abrir?*” nos apontava para o chão e dizia que estava abrindo. No entanto, é importante ressaltar, que mesmo depois de sair do surto, retomando vinculações com a realidade, ele manteve a estrutura de fala, sustentando o fato dessa estrutura o constituir, sendo definidora de sua subjetividade psicótica. Ele se repete mesmo fora do delírio, não sendo esse fenômeno, apenas uma construção delirante. Os dados que constituirão minha pesquisa não serão formados apenas em momentos de delírio da criança, mas, principalmente fora dos surtos.

Aos primeiros contatos, qualquer tentativa de responder a essas questões, que eram direcionadas a quem se aproximava dele, eram frustrantes: **nossas (da equipe)** respostas não chegavam até ele; ele não nos escutava e, nossas palavras não conseguiam entrar em sua cadeia de fala sem abertura para o outro. Foi essa angústia, diante dessa fala, que me alertou para esse funcionamento de língua: estrutura de pergunta onde não cabem respostas. Até então, a possibilidade era apenas aguentar essa avalanche de perguntas e suportar a angústia de *não saber* as repostas, construindo aquilo que é fundamental na clínica: “um vazio de saber” (JERUSALINKY, 2004).

Sabemos que a fala constitui tentativas desesperadas de sobrevivência como sujeito, tentativas extravagantes e desconcertantes, em que o funcionamento lingüístico da fala dessa criança são tentativas de saídas estruturais à sua posição de objeto: quanto mais alienada e fora do discurso essa posição, mais alienada e fora do discurso essas tentativas de sobrevivência.

<sup>10</sup> Cf. Saussure (1995).

<sup>11</sup> Também é proposta de teorização a questão do delírio na infância, na medida em que a teoria tende a sustentar sua ausência frente à ocorrência de fenômenos de linguagem dissociativas, ataques ao corpo, a relação imaginária com objetos. Se a lógica de um delírio é a lógica de um funcionamento inconsciente – que é a lógica da língua, sempre constitutiva – é possível à criança não estar submetida a seus deslizamentos, às suas construções subvertidas e subversivas, imersas em abismos semânticos, às palavras invertidas e vertidas no eixo sintagmático, associadas e dissociadas a /de outros termos e elementos em meio a uma estruturação que é “inter-rompida” (VORCARO, 2009), em sua estruturação psíquica?

(02) Assistindo a um desenho do Pica-Pau falando com uma galinha

Anderson: O pica-pau morde?

P.: Ele bica porque tem bico.

Anderson: A galinha morre?

P.: Onde? No desenho ou aqui, de verdade?

Anderson: Tem pica-pau de verdade?

P.: Tem sim.

Anderson: Ele é parecido com esse? (o do desenho apontando)

P.: É Sim.

Anderson: E as cores?

P.: Tem as mesmas cores: vermelho e azul. Ele mora lá na mata.

Anderson: Lá na floresta tem o quê?

P.: Tem árvores, animais, rio.

Anderson: Tem árvore?

P.: Tem.

Anderson: A árvore é igual a essa? (aponta para uma jabuticabeira no quintal do vizinho)

P.: É dessa cor.

Anderson: O pica-pau morde a galinha?

(diálogo se encerra com a chegada de outra criança)

Nesse breve diálogo a criança termina sua participação como começou: *O pica-pau morde?* Apontando para o fato de que ela está presa em algum ponto de sua estrutura, enodada na questão sobre si mesma. Superficialmente, a cadeia sintagmática de fala é incessante, com estruturas sintáticas adequadas, entonação de interrogação e pontuação adequadas, mas sem entrada do outro, mantendo a regularidade estrutural e há substituição de termos: pica-pau, galinha, árvores. Questões sobre esses nomes. Questões sobre nomeações, sobre sua nomeação. Nomeação que lhe é uma falta constitutiva, pois ao se retomar sua psicodinâmica, um pai – hoje morto – não lhe é falado pela mãe. Ou seja, a uma primeira escuta, ele parece querer mesmo saber se, por exemplo, *o pica-pau morde a galinha*. Mas, após uma conduta óbvia diante de uma pergunta - a resposta do interlocutor, dentro do equívoco que é tomar a língua como instrumento de comunicação – percebemos que não é isso que ele quer saber. Não adianta responder que o pica-pau morde galinhas. Uma pergunta espera uma resposta que não é óbvia e que, provavelmente, não cabe no campo semântico das palavras que nos chegam: na fala de crianças psicóticas os significantes não são significados, nem por elas e nem pelos outros. Como escutar? Como trocar significantes? Significar o que é dito? Perguntas que nos surgiram e que, até então, foram suportadas por:

1º: conseguir acompanhar essa cadeia pela escuta, estabelecendo relações mínimas entre o que a criança nos falava e o que falávamos para ela. O que significa suportar a angústia causada por esse encontro.

2º: suportada a angústia é acolher e remontar essa cadeia: devolver à criança esses/os mesmos significantes usados por ela (**morde/bica**), mas usados por um outro falante – devolução que não é **desencadeada**, mas **encadeada**. Assim a criança atenta para o fato de que há um outro compartilhando com ele essa angústia, pela palavra.

Essas regularidades nos apontam para uma organização de fala onde não é possível pelo simples reconhecimento da diferença entre eles estabelecer uma significação. Quando o menino nos remete uma questão, se evidência seu abismo simbólico, sua dificuldade em associar as palavras e associar-se ao mundo, ao outro. Também, como não há metaenunciação em seu funcionamento linguístico, não nos cabe perguntar-lhe o que ele quer dizer com isso ou aquilo. Esse menino é uma questão aberta que, ao nos direcionar interrogações intermináveis, nos remete à sua própria angústia: responder sobre si. Pois, é essa resposta que lhe possibilitará sair dessa posição de objeto, de alienação e de loucura. Cabe-nos, então, apostar nos significantes, apostar na capacidade do sujeito de constituir-se na língua. **E nós, como possível outro no universo dessa criança, oferecer-lhe significantes primordiais que podemos capturar em sua própria fala.** Atualmente, acolhendo e remontando essas falas, durante a rotina de cuidados e sem nenhuma sistematização de pesquisa, a criança suporta mais estar na presença de um outro, seu funcionamento de fala é um pouco menos incessante, porém se mantém a regularidade referida – marca de sua singularidade – sendo possível vislumbrar indícios de uma entrada de um outro nessa cadeia, por exemplo quando espera pela resposta do outro. Ele, por exemplo, já consegue permanecer em alguma atividade enquanto fala, e

continua falando muito, o que é extremamente saudável e possibilitador de intervenção e ajuda a essa criança. Ele suporta as respostas que lhe são dirigidas, pois busca-se responder o que ele pergunta; ele já está tentando realizar de jogos lúdicos e contar alguma história. Direciona perguntas às outras crianças e espera resposta, demonstra tentar – o que lhe é angustiante - significar suas palavras e a dos outros naquilo que me parece ser **uma luta com a ordem própria dessa língua que, a essa criança, causa sofrimento**. Ele já não faz somente perguntas, como nos mostra o próximo fragmento de fala.

*(03) (ele já consegue permanecer nas oficinas; durante oficina de colagem, sentado à mesa, arrancando fotos e batendo em um boneco do Snoop)*

*Anderson: Ele sente dor? O boneco sente dor?*

*P.: Ele é de pano. Tem que fazer de conta que ele sente dor.*

*Consegue ficar na mesa e ficar junto enquanto fala e cola as figuras que retira de revistas. Peça que ele escreva um nome para a figura.*

*P.: Pode escrever agora?*

*Anderson: Aponta o lápis.*

*Fica rodando o lápis; escreve e espera a tesoura enquanto balança o corpo para frente, em movimentos estereotipados comuns a essas crianças*

*Anderson: Agora aponta aqui? Tem uma força que **apaga**? Quando morre acaba?*

*P.: Tem uma força que **acaba**?*

*Anderson: Tem. O azul que é forte. O amarelo é que acaba.*

*P.: Onde estão suas fotos?*

*Anderson: Aqui. Um passarinho.*

*P.: Que passarinho é esse?*

*Levanta, sai, retorna à mesa e cola uma figura de onça em seu álbum -movimento comum ao se solicitar que ele signifique alguma coisa que está dizendo.*

*P.: Porque essa figura?*

*Anderson: É dele? (apontando para outra criança) Não? É meu?*

*P.: É*

*Bate no boneco novamente.*

*Anderson: Ele dói?*

*P.: Tem que imaginar que ele sente dor.*

*Anderson: Sente nada.*

*Uma outra criança aponta para a figura da onça. Ele se direciona a ela estabelecendo rapidamente um indicio de diálogo com essa outra criança.*

*Anderson: É uma onça.*

*P.: O que você colou agora?*

*Anderson: É uma mulher.*

*P.: Quem?*

*Anderson: Não sei.*

*P.: Não dá pra dizer um nome pra ela?*

*Anderson: Não.*

*Ele se levanta e sai novamente da mesa. Depois volta e se senta.*

*P.: Escreve seu nome em seu álbum.*

*Anderson: Aqui no <sup>\*\*12</sup> eu escrevo meu nome?*

*P.: Escreve.*

*Anderson: Vai contar para minha mãe?*

*P.: Se você quiser eu conto.*

*Guardamos o material, terminando a oficina.*

O que foi exposto, até aqui, foram tentativas desse menino em passar a outra posição em seu processo de estruturação. Tentativas que retornam sempre em pontos de seus dizeres afetados pela angústia se fazendo, então, necessário que aquele que o escute reordene suas questões, e não apenas as respondam. Esse menino ainda se apresenta *inter-rompido* em seu processo, fatigado pela insistência de um outro que teima em mantê-lo não desejante, mas desejo seu. A separação se apresenta como possibilidade, pois quando ele fala de forma incessante é para não parar de tentar mudar, passar a outra coisa, se separar. Como toda criança é

---

<sup>12</sup> Instituição de saúde pública.

um regulador de língua, torna regular (universal) e singular aquilo que se apresenta como não compreensível e, às vezes, indescritível.

Se o psicótico é o *testemunho aberto do inconsciente*<sup>13</sup>, a criança psicotizada é o testemunho aberto do funcionamento da língua submetido à arbitrariedade, a uma ordem própria, às contingências da língua, ao seu valor pela diferença, na medida em que para se constituir em um sujeito (não psicótico) é preciso que sua subjetivação ocorra pela diferença com o outro imaginário que o capturou como objeto de desejo. Somente significantes engendrados nesse funcionamento podem abrir furos, nessa fala, para que advenha esse sujeito outro.

## Referências Bibliográficas

BERNARDINO, Leda Maria Fischer. *As psicoses não decididas da infância: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

JERUSALINSKY, Alfredo. Psicose e autismo na infância: uma questão de linguagem (Entrevista com Alfredo Jerusalinsky). *APPOA - Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, n. 9 (62:73), 1993.

\_\_\_\_\_. *Psicanálise e desenvolvimento infantil: um enfoque transdisciplinar*. 3ª Ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

LIER – DEVITTO, M.F. Patologia da linguagem: sobre as “vicissitudes das falas sintomáticas”. In: LIER-DEVITTO, M.F. e ARANTES, L. (Orgs.). *Aquisição, patologias e clínica da linguagem*. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006, p. 182-200.

DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães Corpo & Corpus. In: LEITE, Nina Virgínia de Araújo (org.). *Corpolingagem: gestos e afetos* (p.21-29). Campinas: Mercado das Letras, 2003.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 3: As psicoses, 1955-1956*. 2 ed. revista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

MARCELLI, D. *Manual de psicopatologia da infância de Ajuriaguerra*. 5ª ed.. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística geral*. Organizado por Charles Baley e Albert Sechehaye. Trad. A. Chelini, J.P. Paes e I. Blikstein. 20ªed. São Paulo: Cultrix Ltda., 1995

VORCARO, A. & VERAS, v. *Diagnóstico de estrutura não decidida: chicanas da fala e sua categorização (discussão clínica de Entre-atos: uma estrutura não decidida)*, in mimeo. s/p, 2009.

---

<sup>13</sup> C.f. LACAN(2002).